

# Operações na MINUSTAH – Estudo de caso

Cláudio Tavares Casali

*“Manter a paz não é um trabalho para soldados, mas somente soldados podem fazê-lo.”*

Dag Hammarskjöld

## Introdução

No dia 15 de outubro de 2007, a Resolução nº 1.780, do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), prorrogou por um ano o mandato da Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH). Essa foi a 6ª renovação, após quatro, de seis meses e uma, de oito meses. Destaca-se que, nessa última resolução, 140 vagas do componente militar foram transferidas para o componente policial, como reflexo de

mais segurança no país, consequência do êxito das operações desencadeadas até o presente momento.

## Antecedentes da MINUSTAH

A presença militar estrangeira não é uma novidade no Haiti. Entre os anos de 1915 e 1934, no auge da política do *Big Stick*, os Estados Unidos da América (EUA) ocuparam militarmente o país, assumindo o controle da ordem pública e das finanças.

No princípio da década 1990, o país vivia em uma grande instabilidade política. O Presidente Jean-Bertrand Aristide fora deposto por um golpe de estado e exilado nos EUA. A Organização dos Estados Americanos (OEA), a Organização das Nações Unidas (ONU) e os norte-americanos impuseram sanções econômicas ao país para forçar os militares a permitirem a volta de Aristide ao poder.

Em 1993, um acordo permitiu o retorno do presidente exilado e a reforma das Forças Armadas. Junto com Aristide,



chegou a Missão das Nações Unidas no Haiti — MINUHA, de setembro de 1993 a junho de 1996 —, cujo objetivo era supervisionar a criação de uma polícia nacional. As Forças Armadas acabaram sendo extintas em 1995, e seus integrantes armados tornaram-se fortes opositores do Governo.

Depois da MINUHA, as Nações Unidas permaneceram no país por mais quatro anos em três missões sucessivas: Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti — MINUH, junho de 1996 a julho de 1997; Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti — MITNUH, de julho de 1997 a novembro de 1997, e Missão da Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti — MIPONUH, de novembro de 1997 a março de 2000. Simultaneamente a essas missões, estava desdobrada a Missão Internacional Civil no Haiti (MICIVIH) — uma força composta por Observadores da ONU e da OEA, com a missão de verificar o respeito aos direitos humanos e de acompanhar as instituições judiciárias e prisionais.

Em 2003, uma suspeita de fraudes na reeleição de Aristide levou a oposição a exigir sua renúncia. Sem acordo, eclodiu um conflito armado que assumiu o controle da Região Norte e espalhou-se para outras cidades. Paralelo aos problemas político marginais, expandiram seus domínios em Porto Príncipe, causando um grave comprometimento da ordem interna. Pressionado, o presidente deixou o poder e o país em 29 de fevereiro 2004.

Na mesma data, com a economia destruída por rebeliões internas e por corrupção governamental, assumiu a presidência o Sr. Boniface Alexandre. Também na mesma data, o Conselho de Segurança da ONU aprovou o envio de uma Força Multinacional Interina

(MIF), composta de 3.773 militares, para atuar por, no máximo, 90 dias. A missão dessa força era iniciar a transição política e constitucional e manter a segurança interna. Contava com o apoio dos países caribenhos e dos EUA, uma vez que esses temiam por nova diáspora haitiana. A fronteira República Dominicana, que compartilha a área da Ilha Hispaniola, era a mais temerosa, pois conta com bons índices sociais e um PIB cinco vezes maior que o haitiano, mas possui ampla e desguarnecida fronteira.

Decorridos os 90 dias previstos para atuação da MIF, em 1 de junho de 2004, a ONU criou a MINUSTAH, calcada no Capítulo VII — Ação relativa à ameaça à paz e a atos de agressão — da Carta das Nações Unidas de 1945, com a missão de criar um ambiente nacional seguro e estável, focado nos direitos humanos e no apoio à transição política. A missão contabilizava cerca de 9.800 integrantes, sendo 6.700 da Força Militar, 1.622 do componente policial e 1.500 do componente administrativo.

### **A Força Militar da MINUSTAH**

A Força Militar da MINUSTAH esteve sob o Comando do General-de-Divisão Augusto Heleno Ribeiro Pereira. Após o estudo da situação, ele decidiu que deveria ocupar todo o país, com prioridade para a Capital Porto Príncipe e para a porção norte, principalmente nos núcleos urbanos de Gonaives e de Cap Haitien.

Na capital, foi elaborado um plano de segurança a ser executado em cinco fases, bem caracterizadas pelas áreas dos bairros onde se desencadeariam a primeira fase, em Sodechosa, área industrial; a segunda, em Bel Air, área cen-

tral; a terceira, em Cité Militaire, adjacente à área central; a quarta, em Cité Soleil, maior concentração das forças adversas; a quinta, em Martissant.

O Batalhão Brasileiro (BRABAT) liderou o trabalho de todas as fases em Porto Príncipe, com exceção de Martissant.

Em cada fase, inicialmente, empregavam-se meios mecanizados. Após conhecimento e domínio parcial do terreno, utilizavam-se meios motorizados e helitransportados. O setor marítimo era patrulhado em conjunto com a guarda costeira haitiana.

Nas operações tipo-polícia, a tropa realizava dia-e-noite a verificação de pessoas e de veículos, com o objetivo de controlar a população e de diminuir tanto o poder de combate como restringir a liberdade de atuação da Força Adversa (F Adv).



As operações de combate buscam os resultados decisivos, alcançados quando a tropa

ocupou Pontos Fortes (PF) no interior das áreas vermelhas. A partir dessas bases de operações, irradiava-se o patrulhamento, com a intenção de conhecer a área e os bandos armados, além de conduzir as operações ofensivas. Nas áreas de responsabilidade, quando o nível de segurança recomendava a realização de patrulha motorizada, utilizava-se o princípio da massa. Esta era obtida pela atuação conjunta de frações de outros contingentes, de elementos da



Polícia Nacional do Haiti, sob tutela de Observadores de Polícia da ONU e de pelotões das Unidades de Polícia da ONU.

Um dado estatístico que mede o avanço na promoção da estabilidade é o número de prisioneiros. No início da missão, o sistema prisional contabilizava 725 detentos; um ano depois, 2.587; em dois anos, 4.010 presos.

Apresenta-se, a seguir, o estudo de caso de uma das mais importantes operações desencadeadas em 2007, que, de modo geral, seguiu uma mesma linha de trabalho das demais.

### **Operação Jauru Sudamericana – Estudo de Caso**

#### *Estudo de Situação*

O estudo de situação seguiu o esquema previsto para as operações convencionais. Nos itens que se seguem, são apontados os aspectos mais importantes dos diferentes fatores a analisar.

#### *Missão*

Em dezembro 2006, próximo da renovação do mandato, o Representante Especial do Secretário Geral da ONU — Chefe da MINUSTAH — determinou uma intensificação de atividades, com vistas a buscar resultados mais expressivos na missão. A partir daí, uma série de operações foram desencadeadas em toda Porto Príncipe, variando de horário e dimensão, procurando sempre empregar o princípio de guerra da surpresa.

A Operação Jauru Sudamericana foi desencadeada no dia 9 de fevereiro de 2007 e visava à conquista da principal base de operação da força adversa que atuava em Boston, uma subdivisão de Cité Soleil, e o estabeleci-

mento de novos PF no interior dessa área. A prisão de integrantes e a captura de material seriam conseqüências do cumprimento da missão.

#### *Forças Adversas*

O Bando de Evans era a F Adv que controlava a área de Boston, com aproximadamente 45 integrantes. Seu arsenal incluía fuzis 5,56mm (T65, M16 e Gallil) e 7,62mm (M14), pistolas de diversos calibres, revólveres e granadas. Sua base, conhecida como Jamaica, vinha sendo fortificada ao longo dos últimos três anos, para proteção de tiro de fuzil. O bando possuía uma frota de seis veículos, já identificados pelo serviço de inteligência. Evans arrecadava fundos com a extorsão de comerciantes e com seqüestros.

#### *Terreno*

A área da operação era plana, formava um triângulo bem demarcado e qualquer edificação de dois andares era considerada um acidente capital. A tropa da MINUSTAH mantinha dois dos vértices desse triângulo, mobiliados por Pontos Fortes, proporcionando comandamento da área: o PF 16, estabelecido há dois anos e o PF Casa Azul, há 15 dias.

As vias de acesso estavam obstruídas por fossos dispostos em profundidade impeditivos a veículos mecanizados, que, em conseqüência, impediam o patrulhamento no interior dessa área.

#### *Meios*

A Força Militar da MINUSTAH foi organizada com 717 militares — Brasil (480), Bolívia (60), Uruguai (60), Peru (50), Paraguai (30), Chile (25), Jordânia (12) —, 33 veículos mecanizados, 11 veículos blindados e mais 11 veículos de categorias diversas.

### *Tempo*

Como a operação envolvia muitos meios e uma diversidade de países componentes, era necessário tempo para ensaios, a fim de se verificar todas as medidas de coordenação e de controle, especialmente de comunicações. Não era fator determinante, mas seria desejável que o Sr. Evans, líder do bando local, estivesse no interior da área.

### *Comentários da Operação*

Os pontos mais importantes da operação serão comentados, seguindo os sistemas operacionais, acrescentando-se as operações psicológicas.

### *Manobra*

A manobra foi concebida em quatro fases: a primeira, de cerco da área de Boston; a segunda, de investimento; a terceira, de identificação dos detidos com o uso de informantes; a quarta, a ser executada mediante ordem, de operação cívico-social.

Feito o cerco, com a participação das tropas que mobiliavam os PF16 e “Casa Azul”, e ainda, com a ocupação de uma elevada caixa d’água, a tropa partiu para o investimento, visando à conquista de objetivos intermediários, em cinco subfases.

Na 1ª subfase, as tropas do norte, uma FT Brasil–Chile, teriam a missão de conquistar o prédio de uma escola. Na 2ª subfase, por leste, brasileiros investiriam até uma edificação de dois andares no meio da comunidade, com paraguaios fazendo a proteção de retaguarda. Na 3ª subfase, por sudoeste, uma FT Peru–Bolívia–Uruguai partiria com a missão de conquistar duas edificações, acidentes capitais na área. Na 4ª subfase, por noroeste, uma Força Blindada de

veículos jordanianos e tropa brasileira executariam um curto avanço, sem objetivo demarcado. Na 5ª subfase, novamente pelo norte, a partir da escola já conquistada, a FT Brasil–Chile faria o investimento final. Pelo sul, os peruanos fariam a vigilância.

### *Inteligência*

A perfeita integração entre o órgão de inteligência do BRABAT, com o do Quartel-Gen-eral (QG), permitiu um minucioso conhecimento dos bandos armados e da área de operações. O Batalhão dispunha de diversas fontes de informes: relatórios de patrulhas de rotina, relatórios de reconhecimentos especializados, informantes, acompanhamento da mídia e análise de imagens aéreas (VANT e helicóptero). O QG trabalhava com os mesmos tipos de fonte, mas de origem diversa. O contato pessoal, com reuniões semanais, agilizou a produção e a difusão do conhecimento.

### *Logística*

Para a execução da operação, cada integrante da Força Militar da MINUSTAH transportava ração para 48 horas, pronto para qualquer eventualidade. O Pelotão de Engenharia do Batalhão Brasileiro e a Companhia de Engenharia Brasileira mobilizaram-se para executar obras nos Pontos Fortes a serem conquistados. Essas tropas estocaram areia, tijolo, cimento, saco de linhagem, banheiro químico e brita, próximos da área do conflito para, de imediato, fortificar os acidentais capitais conquistados.

### *Mobilidade, Contramobilidade e Proteção*

A Engenharia preparou-se logisticamente para tapar todos os fossos levantados pela inteligência. Medidas especiais de coordenação

foram traçadas, uma vez que os veículos de engenharia não possuíam proteção blindada, e essa tarefa era imprescindível para a mobilidade dos demais veículos e para a continuidade da operação.

### *Comando e Controle*

As operações eram controladas no Centro de Operações de Segurança (SOC) da MINUSTAH, mediante a recepção de sinal de radiofonia e de imagens do helicóptero que sobrevoava a área de Boston. Além disso, um Posto de Comando foi estabelecido no PF Casa Azul e um Posto da Observação na elevação que, por sul, dominava a área de operações.

### *Apoio de Fogo*

A variedade de armamentos e munições empregados na missão foi equivalente à diversidade de frações de países participantes da Operação Jauru Sudamericana. A tropa utilizou grande quantidade de munição não letal no vasculhamento casa a casa, em Boston. Morteiros com munição iluminativa ficaram em condições de serem empregados, mas não foram necessários.

### *Operações Psicológicas*

As operações psicológicas foram fundamentais para o incitamento à rendição da Força Adversa e para a conquista da confiança da população. Diversos panfletos foram distribuídos em toda Cité Soleil. Eles informavam das operações que seriam desencadeadas na área, mostravam os telefones para denúncias e indicavam contatos para inserção no programa de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR). A mídia foi convidada a cobrir a operação: as rádios locais produziram matérias ao vivo, e a BBC de Londres, um documentário. Após a conquista da Base Jamaica, esta foi imediatamente transformada em Centro de Atendi-

mento Social com inúmeros e contínuos projetos em prol dos habitantes locais.

### *Resultados da Operação Jauru Sudamericana*

A conquista da Base Jamaica foi mais uma demonstração de força e de autoridade da MINUSTAH. Mais três pontos fortes foram instalados e, de imediato, a área passou a ser controlada pela Força Militar. Diversos integrantes do bando de Evans foram capturados, bem como foram apreendidos armamentos e equipamentos. A partir dessa operação, descobriram-se cachês de armamento e munição, além de aumentar o número de entrega voluntária nos órgãos de DDR. Evans foi capturado no interior do país, no dia 13 de março de 2007, pouco mais de um mês após a operação Jauru Sudamericana.

### **Conclusão**

As Nações Unidas vêm cumprindo o seu papel para estabilização no Haiti. O acurado estudo de situação, a pressão constante sobre as Forças Adversas, a ocupação de pontos fortes nas áreas mais perigosas, o profissionalismo da tropa, o apoio da população e da mídia foram essenciais para o êxito alcançado pela Força Militar. No entanto, a missão não está cumprida. Serão necessários alguns anos para que o Haiti possa executar sozinho sua segurança pública e algumas gerações, até a mudança do quadro econômico. Afinal, é decorrido quase um século desde o início da ocupação norte-americana na ilha. O Haiti tem características próprias que lograram êxito do plano traçado. Não se pode, simplesmente, copiar o modelo aplicado no país caribenho, sob risco de insucesso, para emprego em outras missões de paz ou para emprego em segurança pública em países diversos. ☺